

# A BÍBLIA COMO FONTE LITERÁRIA

*Edison Henrique Pesch<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este texto tem por objetivo analisar, de forma breve, os vários gêneros literários conhecidos e como eles influenciaram sua disseminação na literatura universal. Pretende-se identificar os diferentes gêneros literários ao longo das Sagradas Escrituras, examinando quais elementos caracterizam determinado gênero. As tipologias textuais e os gêneros textuais também serão motivo de análise dentro do texto sagrado.

**Palavras-chave:** Bíblia; literatura; gêneros literários; gêneros textuais.

## ABSTRACT

This text aims to briefly analyze the various literary genres known and how they influenced their dissemination in the universal literature. It is intended to identify the different literary genres throughout the Holy Scriptures, examining which elements characterize a particular genre. The textual typologies and the textual genres will also be reason for analysis within the sacred text.

**Keywords:** Bible; literature; literary genres; textual genres.

## 1. A BÍBLIA E OS GÊNEROS LITERÁRIOS

Não é à toa que um dos personagens imaginários do romancista russo, Fiodor Dostoievski, considerado um dos grandes romancistas, exclama, no romance *Irmãos Karamasov*: “Que livro é a Bíblia!” Ela não só representa aquele “livro antigo” mas também um repositório de composições que variam das mais simples canções populares aos mais ponderados poemas filosóficos, tendo sido escrita no longo curso de 15 séculos, pelos

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela FABAPAR. Pós-graduado em Comunicação Corporativa. Bacharel em Teologia e licenciado em Letras (português-inglês). Professor da Faculdade Cristã de Curitiba.



mais diferentes autores. Pode-se afirmar que os gêneros literários encontrados na Bíblia influenciaram na disseminação deles junto às gerações seguintes, propiciando uma inspiração aos homens e às mulheres de Letras. As aproximações literárias com a Bíblia, em especial a Hebraica, com métodos críticos, adquiriam novos enfoques nas últimas décadas. Embora seja, acima de tudo, considerada pelos cristãos como a Palavra de Deus com a mensagem de salvação, também pode ser, para os apreciadores, literatura. Entende-se que não há nenhum conflito entre considerar a Bíblia um livro sagrado e inspirado, e apreciar seus aspectos estéticos e literários. Assim sendo, a nova crítica literária estuda a textura retórica da obra como um todo acabado em vez de contemplá-la ao longo de uma linha cronológica de desenvolvimento desde pequenas unidades para fragmentos maiores até a última etapa de composição.

Neste sentido o movimento de “Bíblia como literatura” está intimamente relacionado com crítica retórica, um produto secundário da crítica das formas, o qual busca estabelecer a individualidade literária de textos, analisando as suas ordenações de palavras, frases e imagens que estruturam princípios e fins firmes, seqüências de ação e argumentação, repetições, pontos de focalização e ênfase, como também interligações dinâmicas entre as partes. (GOTTWALD, 1988, p. 27)

## 2. TIPOLOGIAS TEXTUAIS

As tipologias textuais são as formas de expor um determinado assunto. Basicamente, existem três tipos de redação: narração (base em fatos), descrição (base em caracterização) e dissertação (base em argumentação).



## 2.1 Descrição

A descrição que tem função caracterizadora e pelo uso de adjetivos aparece logo no livro de Gênesis 2.8-14: “E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal (...)”.

## 2.2 Narração

A narração distingue-se pela sequência de fatos ou episódios, envolve personagens e é muito familiar às pessoas pelo fato de ser contada desde quando eram crianças em histórias como “Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos” ou um fato do cotidiano. É caracterizada pelos verbos de ação. Pode ser encontrada na Bíblia em várias partes, como na ressurreição de Jesus, em João 20.1-10: “E no primeiro dia da semana Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra de lá removida”. O evangelho segundo Marcos, que tem a ação como elemento caracterizador, contém nítidos exemplos de narração como no capítulo 2, versículos 1 a 3: “Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa. Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a palavra. Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralítico, levado por quatro homens”.

Até a simples enumeração tem seu lugar, como nos episódios da história do povo e dos reis de Israel e Judá, na doutrinação das gentes, na elaboração das leis, das genealogias etc. A narração histórica também ocupa uma boa parte na Bíblia, como as registradas nas passagens sobre a escravização e o livramento do povo de Israel em Êxodo 1 e 12 respectivamente. Ainda, a construção (II Crônicas 3), a destruição (II Reis 25), e a



reconstrução (Esdras 6) do templo de Jerusalém como a própria crucificação de Cristo em Marcos 15, evidenciam esse tipo de narração.

## 2.3 Dissertação

A dissertação é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias que exige mais do escritor. Frequentemente este estilo de texto é cobrado em produção de textos em vestibulares para avaliar a capacidade do aluno em expor seus pontos de vista. É também exemplificada nas escrituras. O livro de Jó é um exemplo clássico desta tipologia textual. No capítulo 36.1-14 Eliú justifica Deus perante Jó: “Não tardarei a demonstrar-te que tenho outras razões em favor de Deus. Retomarei meus argumentos desde o princípio e provarei que o Senhor é justo (...)”.

## 3. GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais são os textos materializados encontrados em nosso cotidiano. Esses apresentam características sócio-comunicativas definidas por seu estilo, função, composição, conteúdo e canal. Nas Sagradas Escrituras destacam-se três principais gêneros textuais: o oratório, o epistolar e o didático.

### 3.1 Oratório

O gênero oratório haveria de ser, naturalmente, um dos mais frequentes numa obra em que, dentre os vários objetivos, destacam-se a orientação e a doutrinação das massas. Talvez o melhor modelo de eloquência e dialética seja o do Sermão da Montanha, contido em Mateus 5-7. Notam-se estas características nos sermões do padre Antonio Vieira que foi um grande orador e escritor. Um de seus sermões mais famosos *Sermão da Sexagésima* ilustra bem este estilo:



Para uma alma se converter por meio de um Sermão há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a graça, aluminando. (VIEIRA, 1965, p. 1)

### 3.2 Epistolar

Outro gênero de enorme importância para a própria transmissão das mensagens é o epistolar. Entre as 21 cartas apostólicas, doutrinárias por natureza, encontram-se exemplos de advertência, encorajamento, ensino, edificação entre outros. O maior representante é o apóstolo filósofo Paulo, fato este que pode ser observado em sua epístola aos Filipenses, que tem por tema dominante a alegria. Interessante analisar semelhanças entre este gênero textual na Bíblia com a literatura. Um exemplo que se destaca são as cartas de Paulo ao jovem Timóteo encorajando-o a perseverar na fé com o livro de Rainer Maria Rilke *Cartas a um jovem poeta*.

### 3.3 Didático

Por fim, o gênero didático, que pode ser localizado nos Provérbios – uma coleção de preceitos que constituem um tratado de filosofia prática – tal como em 8.11: “Aplica à disciplina o teu coração e os teus ouvidos às palavras do conhecimento”. Neste livro, em particular, a forma dos versos caracterizam bem o estilo hebraico de paralelismo de poesia com teses e antíteses. Em seu conteúdo o conselho de buscar a sabedoria e a virtude, que têm mais valor que as coisas materiais, pode ser contrastado com a busca da virtude de Sócrates. (PLATÃO, s/d)



## 4. GÊNEROS LITERÁRIOS

Na Bíblia encontram-se as três grandes divisões literárias, segundo a tipologia clássica de Aristóteles: lírica, narrativa ou épica e dramática. Todos estes gêneros podem ser ficcionais, como a literatura, ou não ficcionais, como as Escrituras Sagradas. Dentro destas três grandes divisões existem subdivisões de modalidades textuais pertencentes a cada gênero.

### 4.1 Lírico

Atribui-se a um texto o caráter de gênero lírico quando predomina nele a expressão do “eu”. Esse eu fala do que passa em seu interior, em seus sentimentos, coração. O rei Davi representa bem este gênero, pois pelas experiências que passou, é considerado um dos que mais bem expressam toda a dimensão humana.

O Salmo 100 diz: “Celebrai com júbilo ao Senhor todos os moradores da terra”, o que manifesta grande alegria em ações de graças e louvor. O salmista, sentindo gozo em sua alma por pertencer ao Senhor, encoraja a todos a celebrá-lo. Porém o gênero lírico também expressa a tristeza, a melancolia e o abatimento como no Salmo 102.4: “(...) o meu coração está ferido e seco como a erva”. Pode-se ver no ilustre poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade o mesmo tipo de sentimento quando diz: “Perdi o bonde e a esperança” em seu *Soneto da Perdida Esperança*. A poesia é a maior representante deste gênero como vemos em Salmos e Provérbios. Porém existem outras modalidades textuais pertencentes a este gênero como odes e hinos. Há uma ode a Davi por sua magnífica vitória contra os filisteus em I Samuel 18.7: “Saul feriu os milhares, porém Davi os seus dez milhares”. Em Lucas 1.46-55 há o belo hino de Maria pela graça de Deus por sua vida concedendo-lhe ser mãe de Jesus. E certamente não se pode esquecer do grande poema sobre a



beleza e o caráter sagrado do amor puro entre um homem e uma mulher, presente em os Cantares de Salomão.

## 4.2 Narrativo

Quanto ao gênero narrativo ou épico, pode-se notar que há um narrador, que conta uma história em que há personagens, que agem num determinado espaço, durante certo tempo. O encadeamento destes fatos narrados forma o enredo. Pode-se dizer que mesmo que eles não sejam narrados na sequência temporal em que ocorreram, é sempre possível reconstituir esta sequência.

Neste gênero há o empolgante romance que é um texto completo, com tempo, espaço e personagens bem definidos da vida real de José do Egito, que toma praticamente 20 capítulos de Gênesis. As parábolas de Jesus, como a do Administrador Infiel, em Lucas 16, demonstram a ficção e vários exemplos de contos, tais como a Multiplicação dos Pães em João 6. Os personagens bíblicos e a forma de se contar as histórias sempre foi motivo de admiração pela crítica literária secular como afirma o renomado professor e crítico literário Harold Bloom:

Sem dúvida. O texto original do que hoje chamamos de Gênesis, Êxodo e Números é trabalho de um narrador magnífico, certamente um dos maiores contadores de história do mundo ocidental [...] Pense em figuras como José, Jacó e Jeová. São todos personagens maravilhosos. E os efeitos poéticos do texto são extraordinários, comparáveis a Píndaro. Os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel também eram grandes escritores, assim como os autores do Evangelho de Marcos e do Livro de Jó. A Bíblia é uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura. (BLOMM, 2001, p. 15)

Esta valorização da Bíblia como obra literária despertou o interesse de vários críticos, para citar alguns: Jack Miles, Haroldo de Campos, Robert Alter, Frank Kermode – os dois últimos tendo



sido editores de uma obra em conjunto –, Northrop Frye e Geraldo Holanda de Cavalcanti.

Com relação à epopeia, narração poética sobre um grande empreendimento nacional ou humano, à semelhança de *Odisseia* de Homero e de *Os Lusíadas* de Camões, há o heroico relato da marcha dos hebreus, ao longo do deserto, em sua triunfante jornada à terra prometida.

### 4.3 Dramático

Dentre as várias formas do gênero dramático pode ser identificada nas Escrituras a tragédia que narra o cativo de Judá na Babilônia, de II Reis 24. Foram os gregos que deram o grande impulso a este gênero principalmente com Sófocles, Eurípedes e Ésquilo. Dentre estes se destaca a tragédia *Édipo Rei* de Sófocles. Já nas tragédias modernas o grande nome fica por conta de William Shakespeare com obras como *Romeu e Julieta* e *Hamlet*. Segundo Aristóteles a tragédia clássica deve cumprir três condições: possuir personagens de elevada condição (heróis, reis, deuses). Pode-se verificar estes elementos na tragédia bíblica, quando do cativo bíblico, tendo heróis como Esdras e Neemias, reis como Nabucodonosor e Ciro, e como deus o Deus de Israel.

É mister reconhecer, quando se faz estes estudos que não existe necessariamente antagonismo entre o caráter literário das Escrituras e sua visão como texto sagrado. No entanto, é importante que a primazia da abordagem religiosa respeite e conviva com uma abordagem literária do livro sagrado. A arte sempre se beneficiou dos escritos bíblicos. “A arte em geral – e não apenas a literatura – gosta de beber da fonte bíblica. A quantidade de quadros geniais pintados sobre motivos bíblicos não é pouca”. (BACKES, 2008)

Encontrar elementos da sátira seria difícil, pois a Bíblia não oferece campo propício, mas nem por isso o livro é de todo alheio ao assunto. A sátira é uma técnica literária ou artística que ridiculariza um determinado tema (indivíduos, organizações,





estados), geralmente como forma de intervenção política ou outra, com o objectivo de provocar ou evitar uma mudança. Pode-se perceber essa característica em expressões candentes com as quais reagem Jesus e os discípulos à presunção de adversários renitentes, ou com a ironia do apóstolo Paulo em I Coríntios 15.29-32 “(...) se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles”?

Pode-se concluir, com esta breve análise, que a Bíblia, além de ser um livro de fé, é uma vasta produção literária. Escritos abordando este aspecto literário têm surgido com mais frequência. Entre as principais obras deste assunto podemos destacar alguns. O livro *A Bíblia como literatura*, de José Pedro Tosaus Abadia, publicado em 2000 no Brasil pela editora Vozes, original espanhol sem indicação de data. Outro seria uma obra coletiva organizada por Elizabeth A. Castelli intitulada *A Bíblia Pós-Moderna*. De nossas terras desponta-se o biblista católico brasileiro, Cássio Murilo Dias da Silva com seu livro *Leia a Bíblia como literatura*, pela editora Loyola em 2007. Outro, mais denso, porém de suma importância neste campo de estudo é *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*, escrito pelo teórico-literário canadense Northrop Frye. Este escritor, percebendo a influência da Bíblia na literatura ocidental, procurou descobrir nas Escrituras as qualidades literárias que justificassem tal influência. E o último, provavelmente o mais importante de todos, é *A arte da narrativa bíblica*, por Robert Alter, um verdadeiro clássico na área.

Como já foi dito anteriormente, a arte em geral já bebeu e ainda bebe demasiadamente das fontes bíblicas. A literatura, em especial, sempre teve histórias, narrativas, enredos, dramas e tragédias, e grandes clássicos inspirados nas sagradas letras. Desde *Salomé*, de Oscar Wilde, ao romance *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. Às vezes usa uma grande história bíblica como metáfora no caso de *Esau e Jacó* de Machado de Assis, – aliás, o maior escritor brasileiro era assíduo leitor da Bíblia. Às vezes a literatura estende a abrangência de



uma magnífica narrativa bíblica como a de *José e seus irmãos* na tetralogia de Thomas Mann.

Boa parte dos grandes escritores universais admirava a Bíblia e se inspiravam nela para seus escritos. Charles Dickens, escritor inglês que escreveu entre outros *Oliver Twist* que demonstra toda a severa situação social das crianças na Inglaterra ainda nos inícios da Era Industrial disse: “O Novo Testamento é, de longe, o melhor livro que o mundo já conheceu ou virá a conhecer”. O americano Mark Twain, autor do famoso *As aventuras de Tom Sawyer e Huckleberry Fynn*, escreveu também *O diário de Adão e Eva*, sem falarmos da *Divina comédia* de Dante Alighieri, com toda dimensão teológica e destino da alma e “*Quo vadis?*”, do polonês Henryk Sienkiewicz, baseado na pergunta de Jesus em João 16.5. Faz-se justo mencionar que o alemão naturalizado suíço Hermann Hesse, ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1946, era filho de pastor pietista e continha imensa coloração religiosa em suas obras. Por fim o maior clássico da literatura americana: *Moby Dick* de Herman Melville, que não era um homem religioso, mas seu fascínio pela Bíblia era evidente. Nesta obra o capitão que persegue a baleia branca se chama Acabe — um rei mau de Israel. O narrador é Ismael, filho de Abraão com Agar que se tornou o pai dos ismaelitas. E, entre várias outras referências, o livro termina com uma citação do livro bíblico de Jó: “... eu fui o único que escapou para lhe contar!” (Jó 1.15), além de várias interpretações dizerem que a grande baleia branca simbolizaria o próprio Deus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES, Marcelo. *A literatura que bebe da fonte bíblica*. in: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 02 de outubro de 2008.



BLOOM, Harold. *Leio, logo existo*. in: **Veja**, São Paulo, edição 1685, p. 11-15, 31 jan. 2001.

CARLOS, Antônio. *Veritatis Splendor*. Disponível em <http://www.veritatis.com.br/article/669>, acesso em 24/11/09.

FERREIRA, João C. Leonel. *A Bíblia como Literatura - Lendo as narrativas bíblicas*. in: **Correlatio**. n.º 13, Jun/2008.

\_\_\_\_\_. *Estudos Literários Aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação*. in: **Revista Theos**. nº 3, Campinas: FTBC, dez/2006.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Tradução de Pe. Anacleto Alvarez. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

LANGENHORST, Georg. *Quase todas as grandes obras da literatura mundial têm dimensão religiosa*. in: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Edição 251, São Leopoldo, 17 de março de 2008.

TUFANO, Douglas. *Estudos de Língua e Literatura*. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

VIEIRA, Antonio. *Sermão da Sexagésima*. Edição de Base: Sermões Escolhidos, vol. II, Edameris, São Paulo, 1965.